

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE ARTES VISUAIS - BACHARELADO

VANESSA CARRER

DESLOCANDO OBJETOS: O ESTRANHO NO COTIDIANO DA ARTE

CRICIÚMA

2013

VANESSA CARRER

DESLOCANDO OBJETOS: O ESTRANHO NO COTIDIANO DA ARTE

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Bacharelado no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof^a. Ma. Odete Angelina Calderan

CRICIÚMA

2013

VANESSA CARRER

DESLOCANDO OBJETOS: O ESTRANHO NO COTIDIANO DA ARTE

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Bacharelado no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Processos e Poéticas.

Criciúma, 26 de junho de 2013.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Odete Angelina Calderan – Mestrado em Artes Visuais - (UFSM)
Orientadora

Prof^a. Angélica Neumaier – Especialista em Artes Visuais - (UNESC)

Prof. João Luis da Silva Rieth – Mestrado em Design de Produto - (UNESC)

Dedico este trabalho a todos que me apoiaram durante minha trajetória acadêmica, meus colegas de sala, aos meus queridos professores, minha orientadora, minha família, e em especial a minha mãe.

AGRADECIMENTOS

Os agradecimentos são muitos, iniciam-se pelos meus professores do Ensino Médio e Ensino Técnico, onde comecei minha jornada de descoberta. Graças a esses profissionais pude chegar à graduação com a certeza de que havia escolhido o caminho certo.

Agradeço também a todos os meus colegas de turma, que durante quatro anos foram como irmãos, apoiando-me em minhas escolhas e encorajando-me a realizar meus projetos. Meus professores do curso de Artes Visuais, sem eles nada seria possível, seus métodos de ensino foram fundamentais para meu aprendizado.

Agradecimento mais que especial a minha orientadora, professora Odete, que acreditou em mim e em minha proposta de pesquisa, e que durante os meses de envolvimento para a execução desse projeto nunca deixou de incentivar-me e buscar o melhor que eu poderia oferecer.

Sem esquecer também de minha banca, professora Angélica e professor Rieth, que deram contribuições significativas para tornar essa pesquisa ainda mais completa.

Minha mais que especial mãe, que ouvia minhas reclamações sobre meus projetos não concretizados e sobre aqueles que eram sucesso. Que me incentivou a não desistir, mesmo quando tudo parecia dar errado. Ela foi e sempre será meu alicerce.

E como não poderia deixar de ser, agradeço a Deus, sem ele nada seria possível.

**“O que é, pois, este design se não é estilo,
se não é arte aplicada”?**

Bruno Munari

RESUMO

A presente pesquisa intitulada “*Deslocando objetos: o estranho no cotidiano da arte*” está inserida na linha de Processos e Poéticas do curso de Artes Visuais – Bacharelado e se torna possível pela sobreposição alternada da prática e teoria, em uma inquietante busca, de como objetos de design utilizados em espaços domésticos e descartados no contexto urbano podem ser ressignificados para a produção artística? Visto que, busco deslocar objetos utilizados em espaços domésticos a partir de uma proposta encaminhada via e-mail aos meus contatos (participantes) para me retornarem com imagens fotográficas de objetos encontrados ao acaso no cotidiano e que lhes causem certo estranhamento. Junto dessa proposta procuro responder algumas questões que me motivaram a realizar esta pesquisa, para isso me apoio em autores como Baudrillard (2006), Eco (1995), Cauquelin (2005), Carvalho (2005), Rouillé (2009), Salles (2009), Rey (2005) entre outros. Ainda estabeleço diálogos com o artista Nino Cais e os designers Irmãos Campana. O percurso da pesquisa culminou com o desenvolvimento da obra/livro “O cotidiano da arte” e de cartões para distribuição junto ao público, onde os objetos aparecem agora em outro contexto, em imagens impressas.

Palavras-chave: Objeto. Arte Contemporânea. Fotografia. Produção Artística.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – O Sofá, 2012	15
Figura 2 – O Guarda-roupa, 2012	16
Figura 3 – E-mail enviado sobre o projeto.....	23
Figura 4 – A Boneca, 2012.....	24
Figura 5 – Pasta de fotografias recebidas	25
Figura 6 – O Tênis, 2011	26
Figura 7 – Marcel Duchamp. Roda de Bicicleta, 1913	28
Figura 8 – Marcel Duchamp. A Fonte, 1917.....	29
Figura 9 – Bruno Munari. Orax, 1963	31
Figura 10 – Bruno Munari. Libro Letto, 1993.....	32
Figura 11 – Bruno Munari. Cinzeiro Cubo, sem data	32
Figura 12 – Nino Cais. Aparador, 2006	33
Figura 13 – Nino Cais. Escultura, 2010.....	34
Figura 14 – Irmãos Campana. Banquete Chair, 2004	35
Figura 15 – Irmãos Campana. Alligator Chair, 2004	36
Figura 16 – Ideia de produção 01.....	37
Figura 17 – Ideia de produção 02.....	38
Figura 18 – O Cotidiano da Arte (capa).....	39
Figura 19 – O Cotidiano da Arte (página interna).....	40
Figura 20 – O Cotidiano da Arte (sumário).....	41
Figura 21 – Cartões.....	42
Figura 22 – Obra/livro – O Cotidiano da Arte, 2013	43
Figura 23 – Cartões – O Cotidiano da Arte, 2013	44
Figura 24 – Dias de Glória, 2012.....	57
Figura 25 – Infinito, 2012.....	58
Figura 26 – A Cama, 2013	59
Figura 27 – A Janela, 2012	60
Figura 28 – A Lente, 2013.....	61
Figura 29 – O Sugar, 2013.....	62
Figura 30 – A Placa, 2011	63
Figura 31 – A Poltrona, 2011.....	64
Figura 32 – Os Vasos, 2013.....	65

Figura 33 – O Banco de Ônibus, 2013	66
Figura 34 – O Vaso Sanitário, 2013	67

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UNESC	Universidade do Extremo Sul Catarinense
SATC	Sociedade de Assistência aos Trabalhadores do Carvão
ESUCRI	Escola Superior de Criciúma
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
EUA	Estados Unidos da América
DVD	Digital Versatile Disc – (tradução) - Disco Digital Versátil

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 ENTRANDO EM CENA.....	14
2.1 OS PROTAGONISTAS: O SOFÁ E O GUARDA-ROUPA.....	14
2.2 CENA 1: OBJETOS DO COTIDIANO	17
3 ARTE CONTEMPORÂNEA	19
3.1 CENA 2: A FOTOGRAFIA.....	20
3.2 CENA 3: VÁ A RUA E FAÇA O SEU.....	23
4 OBJETOS	27
4.1 CENA 4: OBJETO / ARTE COM DUCHAMP	27
4.2 CENA 5: OBJETO / DESIGN COM MUNARI	30
5 DIÁLOGOS COM ARTISTA E DESIGNER	33
5.1 CENA 6: NINO CAIS	33
5.2 CENA 7: IRMÃOS CAMPANA.....	35
6 CENA FINAL: O OBJETO CHEGOU	37
7 METODOLOGIA	45
8 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	47
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS.....	51
APÊNDICE(S).....	53
APÊNDICE A – ARQUIVOS ENVIADOS POR E-MAIL.....	54
ANEXO(S).....	56
ANEXO A – OBRAS DE EXPOSIÇÕES ANTERIORES.	57
ANEXO B – FOTOGRAFIAS RECEBIDAS SOBRE O PROJETO.	59

1 INTRODUÇÃO

A arte e o design estão presentes em minha vida há alguns anos, mais precisamente desde que iniciei o Curso Técnico de Design na SATC. Aprendi durante os dois anos de curso o que ambos significam para mundo, suas histórias e seus grandes e importantes nomes. Aprendi não apenas isso, mas também a criar, inovar e sempre procurar fazer o melhor.

Nesse processo de conhecimento, fiz amizades importantíssimas e que trago comigo sempre. O Técnico em Design me abriu portas para o mundo, para o mercado de trabalho e me levou a iniciar minha graduação em Artes Visuais.

Desde as primeiras disciplinas cursadas nesses quatro anos, sempre mostrei meu lado mais objetivo, mas não menos sensível, e isso acabou tornando-se minha marca durante meu percurso acadêmico. Apesar dessa forte ligação com o design nunca deixei a arte em segundo plano, pelo contrário, tentei ao longo do percurso acadêmico uni-las.

Foi com esse pensamento que resolvi realizar meu Trabalho de Conclusão de Curso em Artes Visuais Bacharelado, voltado para ambas as áreas, buscando entrelaçar as duas linguagens em benefício da minha produção artística, ao mesmo tempo agregando elementos marcantes da arte e do design.

Esse gosto vem desde a infância, ainda quando tinha de ler os livros das aulas de literatura. O que para muitos era uma tortura, para mim nada mais era prazeroso. Já o cinema começou a ser introduzido no Ensino Médio. Adorava ficar acordada durante as madrugadas para assistir as premiações do Oscar e poder comentar junto sobre os vencedores. Lembro de vezes em que consegui assistir a dez filmes indicados em um único dia.

São pequenas coisas que fazem muita diferença. Em alguns de meus trabalhos acadêmicos, trazia para as produções pequenos fragmentos dessas paixões, como em trabalhos utilizando livros antigos ou DVD's velhos.

Mas nada disso é tão marcante como a fotografia. Tenho arquivos e mais arquivos de fotografias tiradas ao aleatório. Tenho por costume sair de casa com a câmera na bolsa e sempre que algo me chama a atenção, apronto-a e "clic", muitos de meus trabalhos envolveram fotografias destes momentos únicos.

E foi justamente com a fotografia que realizei minhas primeiras exposições. Durante a disciplina de Arte e Agenciamento Cultural, na sétima fase do

curso, ministrado pela professora Lenita, foi que tomei real gosto pela fotografia ao participar da exposição. A proposta de aula consistiu em que cada acadêmico tinha que desenvolver uma obra que seria exposta na Galeria de Arte Contemporânea da Fundação Cultural de Criciúma. Foi uma oportunidade importante para todos os acadêmicos, pois, despertou na grande maioria uma vontade de criar algo que fosse realmente uma obra que merecesse ser apreciada e valorizada como arte.

Essa exposição chamou-se “*E nós, quem somos*”, onde apresentei registros fotográficos sobre a Ferrovia Tereza Cristina aqui de Criciúma, a obra ganhou o título de “*Dias de Glória*”. Mais tarde, naquele mesmo semestre foi à vez da professora Cristina, da disciplina de Fotografia, organizar uma exposição na qual também participei. Essa por sua vez chamou-se “*Fragmentos revelados*” onde apresentei a obra fotográfica “*Infinito*”¹, na qual registrei uma tatuagem com este símbolo em um par de pés descalços. Ambas foram experiências importantes, oportunidade onde pude me apresentar enquanto artista dando os primeiros passos.

Unindo todos esses aspectos apresento minha pesquisa “*Deslocando objetos: o estranho no cotidiano da arte,*” onde trato de ressignificar² objetos utilizados em espaços domésticos e descartados no contexto urbano a partir de uma proposta enviada por e-mail aos meus contatos, os convidando a participarem me enviando registros fotográficos de objetos encontrados ao acaso no cotidiano e que lhes cause certo estranhamento.

Trago como problema da pesquisa como objetos de design utilizados em espaços domésticos e descartados no contexto urbano podem ser ressignificados para a produção artística?

E ainda, esta pesquisa busca responder outras questões relevantes. Quais diálogos poéticos podem ampliar os conceitos trazidos pela construção de uma prática artística? Como abordar o estranhamento causado pelos objetos quando estes não se encontram em sua função de utilidade e sim na produção artística? Qual leitura pode ser feita a partir da percepção do público sobre a proposta apresentada? Também procuro trazer a experiência do processo da produção artística envolta em diálogos com artistas, bem como, outros assuntos importantes que versam em torno da fotografia, arte contemporânea, design, meios digitais e espaços expositivos.

¹ Apresentarei as imagens das obras nos Anexos (p. 57 e 58).

² Conceito importante que será abordado no decorrer do texto.

Nesta perspectiva, objetivando uma melhor compreensão da produção textual o distribuo organizando um roteiro articulados com a produção artística baseada nas imagens recebidas a partir da proposta.

Início trazendo na introdução um breve relato sobre minha vida, bem como, as experiências realizadas no transcorrer do curso, ainda a organização textual da pesquisa fluiu de uma maneira poética, com características de um roteiro inventado, onde apresento minha pesquisa como se cada capítulo fosse uma cena que deriva de algumas paixões principalmente de leituras, cinema e filmes clássicos.

No capítulo “Entrando em cena” apresento meu primeiro contato com o objeto deslocado e com o estranhamento causado por eles. Trato o objeto em seu cotidiano e suas funções mais básicas, discutindo assuntos como apropriação e deslocamento.

Em seguida, na “Arte contemporânea” ressalto sua importância enfatizando os seus desdobramentos. Ainda abordo a fotografia e o meio digital como instrumentos para realização da pesquisa. Me apoio nos autores Carvalho (2005), Cocchiarale (2006), Gonçalves (2007) e Rouillé (2009).

Em “Objetos,” os apresento enquanto arte e como design, trazendo a relação em ambos e de como são tratados, entrelaço o contexto com os autores Baudrillard (2006), Bourriaud (2009) e Eco (1995). Ainda falo do objeto/arte com Marcel Duchamp e do objeto/design com Bruno Munari, busco contribuição dos autores Cauquelin (2005), Peled (2007), Munari (1984 - 1993).

No capítulo “Diálogos com artista e designer”, escolho o artista contemporâneo Nino Cais e os designer/artistas Irmãos Campana, e a partir de suas vivências e experiência, estabeleço relações com a produção artística.

Em “Cena final: o objeto chegou” abordo a produção artística, desde seu processo de criação até a exposição. Salles (2009), Silveira (2008) e Cattani (2007) me ajudaram a construir esse percurso.

Na metodologia da pesquisa trago os autores Zamboni (2006), Severino (2007), Lakatos (2005), Minayo (2004) e Rey (2002). Ainda trago a análise dos dados com a coleta de campo realizada por mim contando com o auxílio dos meus contatos (participantes) da pesquisa/produção.

E finalmente, nas considerações procuro mais uma vez responder meu problema, objetivos alcançados e questões levantadas neste processo prático/reflexivo, trazendo o foco para minha produção artística.

2 ENTRANDO EM CENA

Os objetos nos cercam. Em todos os lugares eles estão presentes, seja dentro de um ambiente fechado ou na rua, eles estão lá. Os objetos são como uma marca registrada da presença humana. Se eles estão em determinado local foi porque alguém decidiu que ele deveria estar ali.

Nem sempre esse local é escolhido de forma lógica. É comum colocarmos objetos em locais não habituais. Eu por exemplo já deixei por vezes minha caixa de maquiagem na cozinha. Isso não significa que aquele era o melhor local para tal, mais que naquele momento foi onde decidi que ele ficaria.

Às vezes, isso torna-se parte de nosso cotidiano que nem percebemos mais esses objetos em locais inusitados, acaba fazendo parte de nossa vida. Por isso, muitas vezes encontramos móveis e eletrodomésticos descartados nas ruas e nem notamos até pela vida intensa atual. E nossa mente está tão acostumada a ver, sem enxergar, que as situações mais banais e corriqueiras passam despercebidas.

2.1 OS PROTAGONISTAS: O SOFÁ E O GUARDA-ROUPA

Durante minhas caminhadas no primeiro semestre de 2012, realizada aos sábados pela manhã, quando faço o trajeto de minha casa até o curso de inglês (na SATC), passei por um sofá velho jogado em um terreno baldio, um sofá cinza com os acentos rasgados (Figura 1). Aquele objeto fora do contexto costumeiro do ambiente doméstico chamou muita minha atenção. Até então nunca havia encontrado um sofá largado na rua, já encontrei micro-ondas, refrigeradores, mas sempre em áreas com grande quantidade de moradores, em centros urbanos, porém em uma área pouco habitada, como nesse dia, foi à primeira vez.

Quando passei, achei estranho mais não cheguei a me importar tanto e continuei meu caminho. Segui ainda pensando, e próximo ao local da minha aula tive a vontade de retornar e fotografar para utilizar a imagem na aula de fotografia, que cursava naquele semestre. Neste dia, estava com a minha câmera compacta na bolsa, e na volta para casa, parei em frente ao sofá e tirei três fotografias. Do outro lado da rua, algumas pessoas me observavam, e eu conseguia imaginar o que se passava em suas mentes, algo como: “o que essa doida está fazendo?” ou “porque ela está fotografando um sofá velho que foi jogado fora?”.



Figura 1 – O Sofá, 2012
Fonte: Vanessa Carrer

Em casa comentei com minha mãe o fato ocorrido, ela também achou estranho, mas não o sofá ter sido descartado, mas sim minha atitude de ter fotografado tal objeto. Depois dessa conversa, comecei a pensar melhor no assunto, e percebi que ela estava certa, uma pessoa dita “normal” apenas olharia aquilo e seguiria seu caminho, e foi o que fiz no primeiro momento, mas essa mesma pessoa não voltaria para registrar tal fato, ao contrário de mim. Por um lado, fotografei a cena pelo estranhamento que me causou, mas por outro e principalmente, porque a imagem teria uma finalidade, queria mostrar para minha turma do curso de Artes Visuais e ver se causava neles o mesmo estranhamento que havia me causado.

Acabei arquivando e não utilizei essa imagem fotográfica no trabalho, encontrei algumas outras que melhor se enquadravam com a proposta na ocasião porém ainda acreditava que poderia ser aproveitada para outra produção artística. Alguns meses se passaram e fazendo o mesmo percurso daquela manhã, encontrei também no mesmo lugar um guarda-roupa (Figura 2).



Figura 2 – O Guarda-roupa, 2012

Fonte: Vanessa Carrer

Desta vez foi ainda mais interessante, pois aquele objeto me lembrava outro praticamente idêntico que havia em minha casa quando meu irmão mais novo ainda morava conosco, isso tem aproximadamente uns dez anos. Aqui a relação com a memória do guarda-roupa da minha infância se fez presente, e prontamente naquele exato momento percebi a relação estabelecida com o outro objeto, o sofá, não tive como ignorar, fotografei-o também.

Mesmo ainda sem pretensão de fazer uso dessas imagens no momento acabei criando uma espécie de arquivo virtual lançando as imagens na internet, postando em uma página conhecida chamada *tumblr*³, onde normalmente costumo mostrar minhas fotografias a espectadores que muitas vezes nem conheço, e que mesmo assim apreciam.

Quase um ano depois destas primeiras fotografias, e pensando no meu Trabalho de Conclusão de Curso em Artes Visuais, percebi nestes registros

³ *Tumblr* – é uma plataforma digital que permite aos usuários publicarem textos, imagens, vídeo, links, citações, áudio e outros. Disponível em: <http://nessacarrer.tumblr.com/>

fotográficos uma oportunidade de realizar minha pesquisa poética.

2.2 CENA 1: OBJETOS DO COTIDIANO

Os objetos em si sempre atraem minha atenção, seja por sua funcionalidade ou por sua aparência, mas raramente vemos esse mesmo objeto com outro olhar. Eles nos cercam, são de todos os tipos, formas, tamanhos, cores, e quase sempre possuem uma função bem delimitada.

Cômodas são encontradas em quartos e às vezes em *livings*⁴. Mesas de jantar, em cozinhas. Sofás em salas, quartos e escritórios. Já a televisão pode ser encontrada em praticamente todos os ambientes domésticos, assim como o computador. Mas apesar de estarem em cômodos distintos, todos eles apresentam funções práticas. A cômoda foi criada para guardar roupas, mas é comum encontrarmos álbuns de fotografias, as mesas de jantar para apoiarmos nossas refeições, mas também servem para desenharmos quando não temos um local mais propício, sofás para sentar, mas também serve de cama para aquelas visitas que aparecem do nada. A televisão para assistir a programas como novelas, filmes, jornais, e o computador para nos comunicarmos com o mundo.

Mas se esta rotina fosse alterada, se cada um desses objetos provocasse um sentido diferente do habitual? E mais, se esses objetos fossem encontrados em um local não usual de seu contexto de destino. Estamos tão acostumados com uma rotina visual, e quando está é modificada ou até mesma provocada por alguma situação não convencional, com certeza paramos para analisar e definir o que observamos.

Um sofá na rua, uma cadeira em um buraco, um computador em um pé de árvore. Nada disso é habitual, são objetos funcionais em locais não convencionais. Foi pensando nesses objetos, muitas vezes de uso doméstico que a ideia para esta pesquisa surgiu. Mas por que objetos? Por eles estarem presentes no nosso cotidiano, bem como, no meu dia a dia e me atraírem tanto. É muito comum encontrarmos objetos de diferentes funções abandonados em locais ao ar livre, nas ruas, avenidas, praças de nossas cidades, mas o que acontece é que eles, na maioria das vezes, passam despercebidos por nossos olhos, tão habituados a

⁴ *Livings* – palavra inglesa que significa sala de estar.

ignorar aquilo que não queremos ver. Na correria diária, até mesmo objetos inusitados não são captados por nossa mente.

No centro da cidade de Criciúma, onde resido, é comum encontrar durante as manhãs, caixas e mais caixas jogadas nas esquinas esperando para serem recolhidas pelos garis. Normalmente vemos objetos somente quando esses são descartados, deixando de ser útil para quem os têm. Mas o que deixa de ser importante para um, pode ser para o outro.

Evidenciamos muito essas questões na arte contemporânea, o descartável. Foi pensando nesses fatores que a definição do tema surge. Ele vem para explorar todos aqueles objetos funcionais que conhecemos e que nosso olhar continua a ignorar quando os mesmos não se adéquam ao sentido imposto pela sociedade. Ao designar um novo sentido a um objeto, transformando esse em arte, mostramos que o artista não é necessariamente aquele que faz, mas também aquele que se utiliza da apropriação para inovar. Nesse caso, a apropriação segundo Neves (2011) tem a ver com a noção de se tomar posse de algo, que já pertenceu a um único indivíduo ou até mesmo a um coletivo geral.

Nessa linha, minha pesquisa se desenvolve a partir da definição de um objeto de uso comum e, do encontro deste, em um ambiente diferente do tradicional a partir do registro fotográfico.

Então o que fazer com tais objetos após definir o tema? Fotografá-los.

3 ARTE CONTEMPORÂNEA

Nascida na metade do século XX, a arte contemporânea veio para romper com o que até então se conhecia sobre a arte, um lugar privilegiado para experimentações com a vida. É caracterizada pela liberdade do artista quanto as suas criações, não mais se preocupando com questões como a aparência, a partir desse momento, a arte ganhou um novo olhar.

A arte contemporânea está em todos os lugares, desde espaços institucionalizados como museus, galerias, ou até mesmo espaços alternativos pouco explorados, como as fachadas de prédios abandonados (com o grafite), tapumes, ruas, calçadas entre tantos outros.

Carvalho (2005, p.6) diz que:

[...] toda e qualquer obra de arte, quando exposta, estabelece alguma vinculação de ordem física e ordem simbólica com o local que a acolhe. O próprio espaço ocupado pela obra em exposição possui dimensão simbólica e espessura história e cultural, funciona como um parâmetro para o reconhecimento da obra de arte como objeto com valor legitimado pelo campo artístico.

O espaço onde a obra se encontra detém seu valor. Galerias de arte comportam certas criações, nem toda obra se adequa aquele local. Assim como a rua, quando essa torna-se espaço expositivo, a mesma recebe aquelas obras de caráter urbano, dificilmente um pintura clássica seria bem recebida em tal ambiente.

As muitas proposições artísticas apresentam-se ainda em construção, dependendo muitas vezes da relação com o espectador, que pode interagir com ela, ou não, pode ser pelo tato, visão, audição, se está for à intenção do artista.

Nem todos estão familiarizados com tanta mudança promovida pela arte contemporânea e enfrentam barreiras para a sua compreensão e aceitação. Para se conviver com arte contemporânea, é necessário ter a mente aberta para o novo, sem pré-conceitos e lembrar quem nem sempre a estética será o fator mais valorizado na obra, que o conceito é o que define sua importância, a intenção do artista.

Na arte contemporânea, vemos muito do mundo digital, criações com vídeos e fotografias permeiam as grandes bienais. E com uma ênfase tão grande sobre esses meios digitais, fica cada vez mais difícil encontrar o autor da obra. Na vídeo-arte isso fica muito nítido, é comum as gravações serem feitas por mais de

uma pessoa, porém quem assina a obra é o artista idealizador do projeto. Estas pessoas que participaram foram “instrumentos” para colocar a ideia em prática.

É comum observarmos nas produções artísticas a união de várias vertentes da arte, obras que englobam fotografia com pintura, vídeo com escultura, objetos com produções sonoras. Os paradigmas estão sendo quebrados, tornando-se tudo possível.

Cocchiarale (2006, p.15) afirma que “a arte contemporânea não é um campo especializado como foi à arte moderna. Centradas na busca de uma arte autônoma em relação ao universo temático [...]”, ela aborda temas do cotidiano, busca nas vivências questões que possam ser levantadas e apresentadas como arte.

Assim, foi a partir desta pluralidade na arte contemporânea que surgiu minha ideia para o problema da pesquisa: Como objetos de design utilizados em espaços domésticos e descartados no contexto urbano podem ser ressignificados para a produção artística? Acredito que, no decorrer desta investigação prática/reflexiva serei capaz de alcançar sua resposta.

3.1 CENA 2: A FOTOGRAFIA

Durante todo o percurso, a fotografia pairou entre os assuntos que mais me chamavam atenção, principalmente por ser relativamente nova na arte. E foi pensando no quão sugestiva ela pode ser, resolvi utilizá-la como um dos pilares da pesquisa.

Trago a fotografia que surgiu em meados do século XIX, e desde lá teve um grande significado. No início os questionamentos sobre sua real expressão artística eram muito grandes, ainda hoje alguns não a classificam como tal. Críticos e artistas ainda a vêem como simples forma de registro, porém isso nunca foi simples, se não fosse pela fotografia até hoje as pessoas precisariam de pintores para retratar momentos importantes de sua vida ou da sociedade. A câmera fotográfica tornou a vida mais fácil, todos podem ter acesso a esse equipamento.

Antes de se tornarem imagens fotográficas, os objetos, pessoas e lugares já foram concretos, palpáveis. Elas adquirem um novo significado, tornando-se somente visuais.

Uma fotografia aparentemente imóvel e muda, tem o poder de evocar. A evocação traz à consciência imagens e sentimentos numa mobilidade que transcende o tempo comum e fala numa linguagem que só é entendida no momento poético. (GONÇALVES, 2007, p.41).

Portanto, cada objeto que fotografamos possui uma história, um significado para quem os adquiriu, e fotografá-los significa armazenar esse significado por mais tempo, já que muitas vezes os objetos se perdem com o passar dos anos. Com as pessoas não é diferente. Envelhecemos, mudamos e a fotografia é uma forma de recordar aquela fase da vida.

Em minha casa, a fotografia sempre foi muito marcante, muitas vezes me pego revirando a cômoda de minha mãe a procura de fotos de quando eu era criança, ou ainda de quando meu pai era vivo. Olho as fotografias de meus tios e tias quando esses ainda eram jovens, de meus irmãos na época de escola. Muitas vezes realizo comparações de meus sobrinhos com o restante da família para ver as semelhanças existentes em suas fisionomias.

Para mim há muito tempo a fotografia deixou de ser algo banal, ela é e sempre será de suma importância. Imagino o futuro, qual será a próxima imagem que farei o registro com as lentes de minha câmera, pode ser alguém de minha família, um amigo, uma paisagem.

Retornando as reflexões percebo que mesmo com todas as adversidades a fotografia entrou no ciclo da contemporaneidade de tal forma que é quase impossível viver sem ela.

Atualmente o declínio das funções documentais da fotografia acompanha o fim da modernidade e da sociedade industrial, e traduz-se em uma eclosão das práticas entre os múltiplos domínios – a fotografia, a arte contemporânea e as redes digitais. (ROUILLE, 2009, p.30 - 31).

É praticamente impossível pensarmos em fotografia sem pensar nos meios digitais. As câmeras já fazem isso pelos fotógrafos são poucas as analógicas ainda usadas, a grande maioria utiliza máquinas digitais. Quando capturamos uma imagem, essa fica armazenada na memória da máquina ou do cartão de memória, e para termos acesso a ela, passamos para um computador, analisamos, fazemos os ajustes que achamos necessários e quase sempre disponibilizamos para outras pessoas via redes sociais.

Isso ocorre com pessoas, que utilizam a fotografia como *hobby*⁵. Já os fotógrafos profissionais também se utilizam deste meio divulgando e disponibilizando na maioria das vezes seus trabalhos via internet, em redes sociais ou em sites especializados.

Além da fotografia como registro, também temos muitas outras como: a foto jornalística, fotografia doméstica, fotografia publicitária, arte-fotografia e outras.

Ao tomar conhecimento do assunto me interessei pela arte-fotografia, que apesar de ter surgido junto com a própria fotografia, era discriminada pela sociedade. Artistas como Gustave Le Gray, mesmo sendo fotógrafos acreditavam que:

[...] mesmo a mais artística das fotografias está separada da arte por uma distancia intransponível e que mesmo a melhor imagem tecnológica está condenada a ficar sempre fora do território da arte, pois está, acreditava-se então, sob a alta e eterna jurisdição da mão. (ROUILLE, 2009, p.239).

No início esse tipo de arte envolvia muito mais paisagens e pessoas, momentos marcantes da história. Com o passar dos tempos, outras coisas foram sendo introduzidas ganhando destaque, é o caso dos objetos que foram muito explorados de diferentes maneiras, através das linguagens como da pintura em admiráveis naturezas-mortas, na escultura explorando-se as formas para o tridimensional, na arquitetura, ambientando os espaços, nas fotografias, mostrando a história por trás das formas.

Em meados dos anos de 1920 o objeto aparece com um novo sentido promovido pelo grande artista emblemático Marcel Duchamp propondo os *ready-mades*⁶. Este assunto de grande interesse para a pesquisa será trazido com maior propriedade em outro momento do texto.

Assim, a fotografia se mostra com uma das grandes linguagens na arte contemporânea, sendo também compreendida como, uma forma de expressão, de armazenamento de lembranças, daquelas imagens familiares, eventos, locais, viagens, amigos, objetos.

⁵ *Hobby* – Atividade realizada como um passatempo.

⁶ *Ready-mades* - objetos fabricados em série, mas desviados das funções primitivas pela sua instalação numa galeria, num museu. (COLI, 1995, p.66).

3.2 CENA 3: VÁ A RUA E FAÇA O SEU

Desde o início da pesquisa a intenção sempre foi uma aproximação entre o universo da arte e do design, e a partir de muitas inquietações eis que surgiu a ideia, explorar o objeto.

Depois de alguns dias, sentada em meu quarto, após muito me debater em como organizar a proposta, resolvi enviar um e-mail para todos os meus amigos (meus contatos) onde os convidei a fotografar objetos de design em locais não cotidianos. Nesse e-mail dei como exemplo “O Sofá”, fotografia que gerou toda a pesquisa. Nele já inclui uma carta de apresentação, explicado melhor do que se tratava o projeto e uma autorização de uso da imagem⁷ que deveria ser enviada ao meu contato junto da fotografia (Figura 3). A data de envio foi 22 de abril de 2013 e prazo final de recebimento das imagens dia 24 de maio de 2013.

Aqueles que por ventura aceitassem participar tinham a opção de me responder em dois endereços eletrônicos diferentes, pelo e-mail que havia encaminhado ou pelo que estava descrito na carta de apresentação.

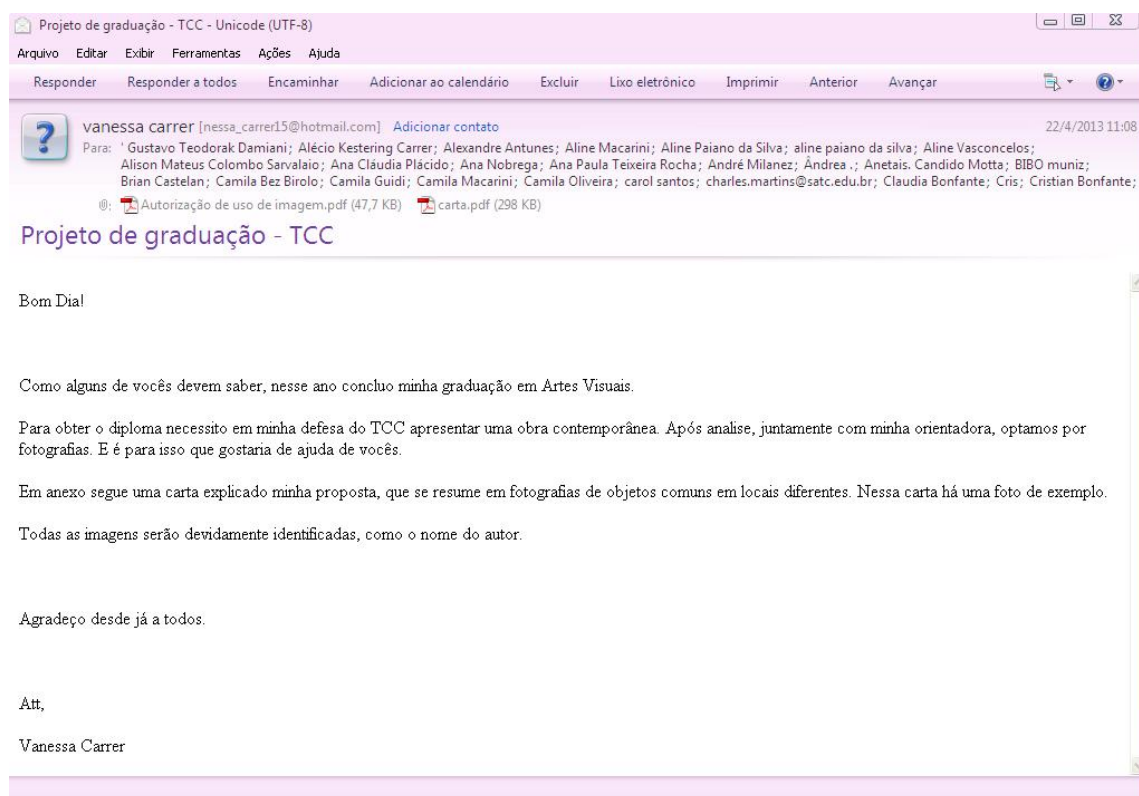


Figura 3 – E-mail enviado sobre o projeto
Fonte: Vanessa Carrer

⁷ Carta de apresentação e autorização de uso de imagem encontram-se nos Apêndices (p. 54 e 55).

Além de enviar esse e-mail para os meus contatos, ainda solicitei auxílio ao Curso de Artes Visuais e a Fundação Cultural de Criciúma, pedindo para que esse mesmo e-mail fosse encaminhado para acadêmicos de Artes Visuais (Bacharelado e Licenciatura) e para os artistas da região, respectivamente. Todas as duas instituições mostraram-se receptivas e ambas acataram meu pedido.

Fiquei aguardando com certa expectativa, não demorou muito, conferindo meus e-mails, no dia seguinte recebi respostas de pessoas que se interessaram pela ideia e se mostraram dispostas a colaborar. A primeira a me enviar a imagem fotográfica foi à professora do curso de Engenharia Ambiental da UNESC, Nadja Zim Alexandre. Fiquei entusiasmada, logo que abri me deparei com a imagem de uma boneca velha em cima de uma árvore (Figura 4). O título que utilizei foi sugestão da própria Nadja, e ficou “A Boneca.”



Figura 4 – A Boneca, 2012
Fonte: Nadja Alexandre

Olhando para a imagem, logo surgiu um novo problema, como armazenar o material que estava chegando. Resolvi por arquivar todas as fotografias em pastas

distintas (Figura 5), cada uma seria identificada com o nome do participante e com a data de recebimento.

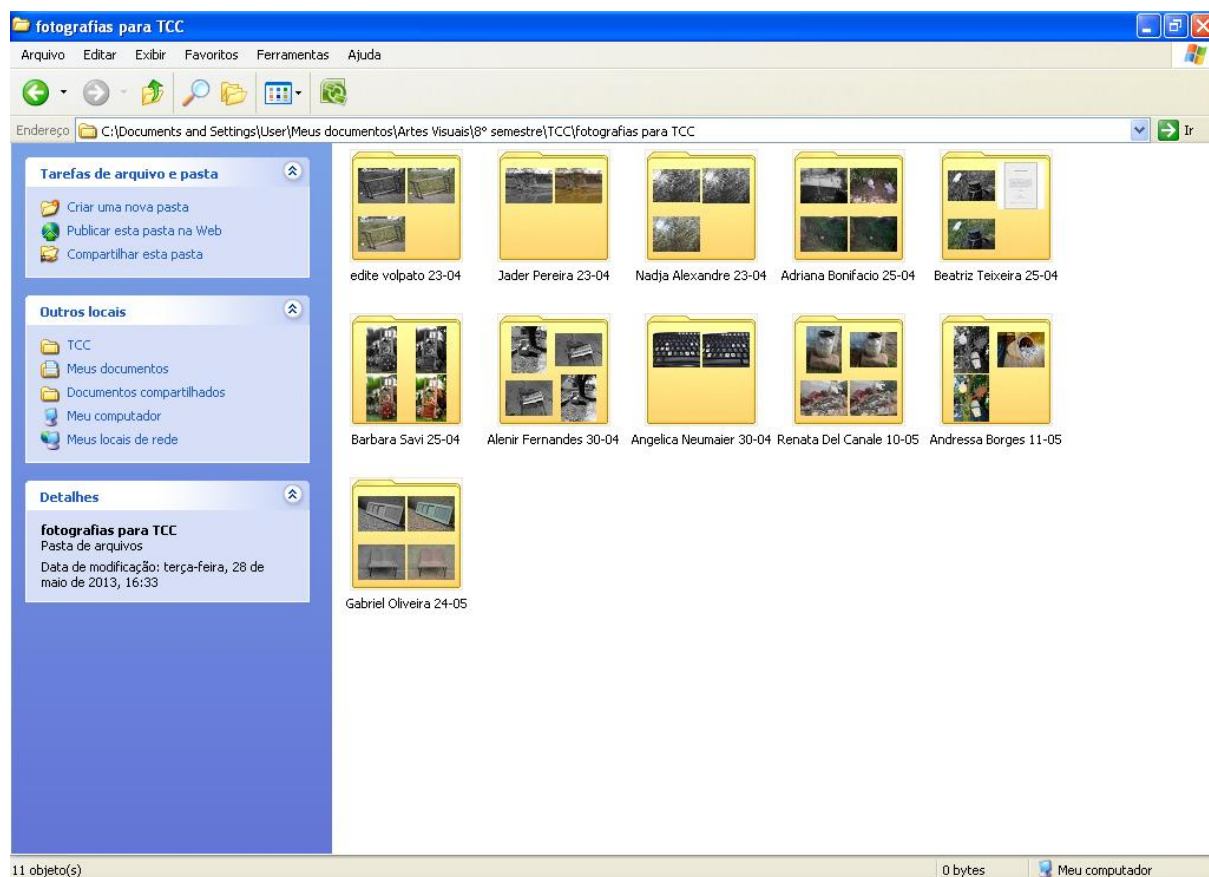


Figura 5 – Pasta de fotografias recebidas
Fonte: Vanessa Carrer

Nem todas as imagens que recebi eram inéditas, algumas delas já estavam a alguns anos nos arquivos dos participantes. Assim como eu, muitos deles se intrigavam com esses objetos em locais estranhos. Recebi não só imagens de Criciúma, mas também de outras localidades, e dentre todas, a que mais chamou minha atenção foi a fotografia da artista Alenir Fernandes. Está não enviou apenas uma, mas sim quatro fotografias, sendo a minha favorita uma que mostra um par de tênis pendurado em um fio da rede elétrica (Figura 6). Até então nada de mais, mas o fato dessa imagem ter sido feita na Espanha acabou tornando-a de todas que recebi, a minha “queridinha”. Essa fotografia recebeu o nome de “O Tênis”.



Figura 6 – O Tênis, 2011
Fonte: Alenir Fernandes

Por cerca de um mês todos os dias entrava em meu e-mail para ver se havia recebido novas fotografias. Conversava com colegas de trabalho, de faculdade, da época do Ensino Médio, do Técnico em Design, e questionava se eles não poderiam me enviar imagens conforme já havia solicitado no e-mail. Alguns se mostravam interessados, diziam que estavam procurando fotos para mandar, outros diziam que não achavam nada por onde costumavam passar, e outros eram bem sinceros e diziam que não tinham tempo ou que não haviam gostado da proposta, que aquilo não se enquadrava no que eles apreciavam.

Dentre todos que me mandaram as fotografias, alguns não se enquadravam dentro da minha proposta, outras imagens não foram utilizadas por não possuir boa qualidade para impressão. Encerrei esta etapa agradecendo a participação de todos.

4 OBJETOS

Eles estão sempre ao nosso redor, fazem parte da nossa vida e dificilmente viveríamos sem eles. Cada um possui uma função já definida, e um não pode ser o outro. “Uma cama é uma cama, uma cadeira é uma cadeira: não há relação entre elas na medida em que servem somente ao que servem” (BAUDRILLARD, 2006, p.25).

Além da função inicial, o objeto, em muitos casos, carrega significados distintos para cada pessoa que os possui. “Usar um objeto é, necessariamente, interpretá-lo. Utilizar um produto é, às vezes, trair seu conceito [...]” (BOURRIAUD, 2009, p.21). O que para mim é apenas um sofá, para outra pessoa pode trazer uma leva de lembranças, “[...] cada objeto traz consigo uma carga de significados, quase constitui um termo vocabulário, com as suas referências bem precisas [...]” (ECO, 1995, p.204).

Porém, na arte quando resolvemos ressignificar este objeto, ele adquire novo sentido, deixando de ser aquele designado quando produzido inicialmente. Estes objetos retomam questões importantes difundidas ainda por Marcel Duchamp em 1920, onde o artista se apropriava de diversos objetos do cotidiano dando-lhes novo sentido, como objeto de arte.

4.1 CENA 4: OBJETO / ARTE COM DUCHAMP

Duchamp, artista francês nascido em 1882, um dos precursores da arte conceitual. No início de sua trajetória artística explorou a pintura, até que em 1913 apresentou seu primeiro *ready-made*, chamado “Roda de Bicicleta” (Figura 7). Mais tarde, em 1917, participou da mostra de arte da Sociedade Independente de Nova York, com sua mais conhecida obra, “A Fonte” (Figura 8). Esta obra tratava-se de um urinol posicionado na horizontal e assinado com o nome de R. Mutt.

Cauquelin afirma que:

Expondo objetos “prontos”, já existentes e em geral utilizados na vida cotidiana, como a bicicleta ou o mictório batizado de *fontaine* [fonte], ele faz notar que apenas o lugar de exposição torna esses objetos obras de arte. É ele que dá o valor estético de um objeto, por menos estético que seja. É justamente o continente que concede o peso artístico: galeria, salão, museu. (2005, p.93 - 94).

A intenção do artista foi de mostrar ao público que a arte não era feita apenas de obras renascentistas, surrealistas, cubistas, e outras artes ditas clássicas, que ela é acima de tudo inovação. De acordo com Peled (2007, p.1726) “a Fonte muda o foco de atenção do texto (obra) para o contexto do circuito da arte, além de explorar as relações de como os discursos artísticos são articulados”. Para Duchamp, pouco importava se a obra havia sido produzida por suas próprias mãos ou pela mão de terceiros. O que de fato tornou-se relevante foi à intenção de deslocar um objeto comum da vida cotidiana, não reconhecido como artístico, para o campo da arte.



Figura 7 – Marcel Duchamp. Roda de Bicicleta, 1913

Fonte: <<http://oglobo.globo.com/pais/noblat/posts/2008/03/05/escultura-roda-de-bicicleta-de-marcel-duchamp-92208.asp>>

Para a época, atitudes como as de Duchamp, de questionar padrões estabelecidos pela sociedade do que era ou não era arte, não eram bem vistas, mas aos poucos passaram a entender que a intenção desse artista era justamente a de questionar e causar no público o estranhamento.

Não havia até aquele momento alguém que tivesse se atrevido a utilizar objeto normal da vida em sua forma mais pura. Eles já haviam aparecido na arte, mas foi somente com Duchamp que os objetos tiveram reconhecimento como obra. Aguinaldo Farias encontrado no catalogo do Itaú Cultural Cotidiano/arte. Objeto anos 60/90 (1999) esse questionamento de porque “[...] até aquele momento, o objeto tenha permanecido excluído do universo da arte”.

O fato é que se fez pouco caso deles. Estamos tão acostumados a ver o objeto apenas como utensílio funcional que outras funções acabam não sendo designadas a ele.



Figura 8 – Marcel Duchamp. A Fonte, 1917

Fonte: <<http://filosofialogos.blogspot.com.br/2010/01/pois-deus-e-o-belo-mantem-uma-relacao.html>>

Duchamp é considerado o pioneiro da arte contemporânea, seu legado é importante por suas idéias inovadoras quanto à obra, que era até então vista em museus e que obedeciam a um padrão estético. Nesta pesquisa ganha relevância, porque trouxe para arte, até então restrita, novas possibilidades de sentido através do objeto, proporcionando aproximações com nosso cotidiano e uma arte mais democrática.

4.2 CENA 5: OBJETO / DESIGN COM MUNARI

Munari, artista, designer e escritor, nasceu em 1907 na Itália. Foi uma figura de grande personalidade em todas as áreas que atuou. Iniciou sua carreira no movimento Futurista (1927) participando de algumas exposições, mas foi com o design, a partir de 1930 que surgiu seu lado mais marcante.

No design Munari foi um verdadeiro pesquisador e graças a suas ideias inovadoras, conhecemos vários métodos de criação para o design, como a Metodologia do Arroz Verde⁸, utilizada por inúmeros designers em todo mundo. Porém, não foi apenas com o design gráfico que ele trabalhou, pelo contrário, Munari investiu em criações de diferentes objetos.

Para Munari, o designer,

É um projetista dotado de sentido estético; dele depende, em boa parte, o êxito de determinada produção industrial. Sempre que a forma de um objeto de uso – uma máquina de escrever, um binóculo, uma poltrona, um ventilador, uma panela, um frigorífico – é bem estudada, constitui um fator determinante do aumento das vendas. (1993, p.22).

O design se resume em desenvolver projetos que baixem custos, façam produtos em larga escala e aumentem as vendas. Para ele a funcionalidade aliada com a aparência são os curingas de um bom objeto.

Suas criações são até hoje lembradas e participam de inúmeras exposições pelo mundo. A 30ª Bienal de São Paulo (2012) trouxe projetos desenvolvidos por Munari, tais como “Orax” (Figura 9) de 1963, e “Libro Letto” (Figura 10) de 1993. Projetos esses de design que com a sua genialidade adquiriram também caráter artístico.

⁸ *Metodologia do Arroz Verde* – método criado por Bruno Munari para a realização de projetos de design, onde ele compara os passos de um processo de criação com os passos de uma receita culinária.



Figura 9 – Bruno Munari. Orax, 1963

Fonte: <<http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,obras-de-bruno-munari-participam-da-30-bienal,956265,0.htm>>

Bruno Munari desenvolveu ao longo de sua vida, inúmeros projetos, sendo os mais marcantes, aqueles em que criou objetos como: abajur, cinzeiros e outros acessórios domésticos (Figura 11). Nestes objetos encontra-se muito da influência da escola *Bauhaus*, que “ênfatizava a aquisição do saber artesanal e da habilidade manual como um pré-requisito para o design”. (CARMEL-ARTHUR, 2001, p.14).



Figura 10 – Bruno Munari. Libro Letto, 1993

Fonte: <<http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,obras-de-bruno-munari-participam-da-30-bienal,956265,0.htm>>

Em seu livro *Artista e Designer*, Munari diz que: “[...] o designer não tem estilo nenhum e a forma final dos seus objetos é o resultado lógico de um projeto que se propõe resolver da melhor maneira todas as componentes de um problema [...]”. (1984, p.30).

Dessa forma ele enfatiza que o design é funcional e que tem como prioridade encontrar a melhor forma de resolver um problema.



Figura 11 – Bruno Munari. Cinzeiro Cubo, sem data

Fonte: <<http://teoriadodesign.wordpress.com/tag/bruno-munari/>>

5 DIÁLOGOS COM ARTISTA E DESIGNER

Dentre uma série de artistas e designers contemporâneos alguns sempre chamam a atenção por sua aproximação com nossas ideias. Em meu caso, dois brasileiros foram escolhidos por encontrar em suas práticas possibilidades de diálogos com minha produção e minhas ideias. São eles, o artista Nino Cais e os designers/artistas Irmãos Campana.

5.1 CENA 6: NINO CAIS

Artista paulistano, nascido em 1969, participou de inúmeras exposições individuais e coletivas em todo o Brasil. No exterior já expôs em países como França, México, Argentina e EUA. Nino Cais (Figura 12) esteve presente na 30ª Bienal de São Paulo (2012) com criações onde se apropria de diferentes materiais de uso doméstico e com eles desenvolve suas obras, muitas delas em propostas fotográficas.



Figura 12 – Nino Cais. Aparador, 2006
Fonte: <<http://ninocais.tumblr.com/image/1086838506>>

Estranhamento é um conceito aprofundado em suas criações o que as tornam ainda mais marcantes. Aquele que aprecia sua obra tende a questionar o porquê Nino utiliza tais materiais para compor suas esculturas, e por ventura, suas fotografias (Figura 13).



Figura 13 – Nino Cais. Escultura, 2010
Fonte: <<http://ninocais.tumblr.com/image/1083650629>>

Entramos então no fator que faz com que essas obras de Nino dialoguem com a minha produção artística, a fotografia e o objeto. Em algumas de suas criações, Nino utiliza a fotografia como suporte para apresentação de suas obras, porém em outras, traz seus objetos em forma de escultura. Esses objetos ganham novo significado a partir do momento em que o artista se apropria deles e os utiliza de uma forma não convencional. Quando utiliza a fotografia, Nino Cais usa seu próprio corpo enquanto suporte para sua obra. Já para a minha produção venho investigando a possibilidade de um livro como suporte.

5.2 CENA 7: IRMÃOS CAMPANA

Fernando e Humberto Campana são designers brasileiros nascidos em São Paulo. Suas criações são conhecidas em todo o mundo, já participaram de exposições em Nova York, Montreal, Milão, Berlim e outros.

São designers de formação, mas muitos os classificam como artistas, devido ao grande impacto que seus projetos causam. As criações que abordarei, tratam-se de duas poltronas da linha “Banquete” (Figuras 14 e 15), idealizada em 2002, mas que ainda permanece em produção. Essa linha foi inteiramente desenvolvida com ferro e bichos de pelúcia.



Figura 14 – Irmãos Campana. Banquete Chair, 2004

Fonte: <<http://style.greenvana.com/2011/itens-reutilizados-geram-objetos-de-design/cadeira-banquete/>>

Nessas obras observamos as apropriações realizadas pelos irmãos, onde eles utilizam objetos (brinquedos) já prontos e lhes dão nova função, porém sem descaracterizar o material. Ainda é possível reconhecer a matéria prima das cadeiras.

Em minha proposta ocorre exatamente o mesmo, me aproprio de objetos de uso comum, como utensílios domésticos e agrego novo valor a eles. A partir do

momento em que os levo para outro local que não o habitual, e os fotografo, passo a ressignificar esse objeto dando-lhe nova função.



Figura 15 – Irmãos Campana. Alligator Chair, 2004
Fonte: <<http://www.designindaba.com/news/zest-life>>

Outro fator que me chama a atenção nas propostas dos Campana, é a questão do deslocamento. Suas criações são desenvolvidas como produtos, porém tomam proporções diversas que deixam de ser apenas objeto de design e passam em algumas delas a agregar valor de arte. Sendo que, atualmente muitos destes produtos de design são encontrados em museus de ambos os segmentos, onde os objetos saem do seu cotidiano do utilitário adicionando valor de arte.

6 CENA FINAL: O OBJETO CHEGOU

O processo de criação foi dentro todo o mais significativo e prazeroso, cada ideia que surgia era como se o conjunto ganhasse mais força. Cada uma delas teve relação direta com minha vida, meus gostos meus laços afetivos. Salles traz que “os processos criativos estão, igualmente, ligados ao momento histórico, em seus aspectos sociais, artístico e científico em que o artista vive” (2009, p.112). O que é de suma importância, já que cada um carrega em seu viver experiências diferentes que nos tornam únicos, e dessa forma tornam nossas criações também únicas.

Enquanto ainda recebia as fotografias enviadas pelos participantes, imaginava como poderia desenvolver minha produção artística. Foram muitas ideias, a primeira delas era revelar as fotografias em tamanho 15x20cm e emoldurá-las individualmente, com moldura preta e *paspatour*⁹ branco (Figura 16). Porém analisando o espaço da Galeria Octávia Gaidziski cheguei à conclusão de que o local é muito pequeno para colocar as fotografias como desejava.



Figura 16 – Ideia de produção 01
Fonte: Vanessa Carrer

Em meio ao processo, a segunda idéia surgiu só que não colocaria cada fotografia em uma moldura, mas sim todas elas em uma única, fazendo uma sequência (Figura 17). Mas também descartei a ideia, queria fazer algo diferente, foi quando pensei no desenvolvimento de um livro.

Silveira trata o livro como

[...] um objeto no sentido genérico, uma coisa que pode ser apreendida pela percepção ou pelo pensamento. Sendo material e ocupando um lugar no espaço [...]. Como corpo, portanto, possui a propriedade de causar impressões e estímulos nos seres humanos. (2008, p.122).

⁹ *Paspatour* – fica entre a moldura e a imagem, normalmente é feito de papel cartão ou madeira.



Figura 17 – Ideia de produção 02
Fonte: Vanessa Carrer

Pensando em como poderia ser esse livro, fui atrás de referências em meu pequeno acervo bibliográfico, analisei praticamente todos os livros que tenho atrás de uma boa solução, foi quando me deparei com o livro “O Sentido da Vida” do autor *Bradley Trevor Greive*. Ganhei esse exemplar de meu professor no curso Técnico em Design na SATC em minha formatura. Trata-se de um pequeno livro de fotografias onde o autor conta uma história sobre o verdadeiro sentido da vida.

Analisando mais atentamente suas páginas, percebi que existiam algumas relações com meu projeto e acabei utilizando esse livro como referência para a produção.

Comecei então meus esboços. A primeira etapa foi definir o tamanho desse livro, queria algo grande, maior que um livro normal, até para que as imagens fossem melhor visualizadas, optei então pelo formato A3. Queria também um trabalho todo em preto e branco, assim poderia dar mais ênfase às imagens, sem interferências externas.

A organização do arquivo foi realizada no programa Corel Draw X5. Iniciei redefinindo os nomes das páginas, organizando capa, introdução e contra capa. Após, comecei a definir a ordem em que as fotografias seriam apresentadas. Voltando ao livro “O Sentido da Vida”, optei por tornar minhas fotografias “O Sofá” e “O Guarda-roupa” o prólogo do meu livro. Em sequência iniciavam as fotografias que me foram enviadas.

Até esse momento não havia definido o título da obra/livro, foi quando voltei ao meu TCC “*Deslocando objetos: o estranho no cotidiano da arte*” e dele surgiu “O Cotidiano da Arte” (Figura 18).

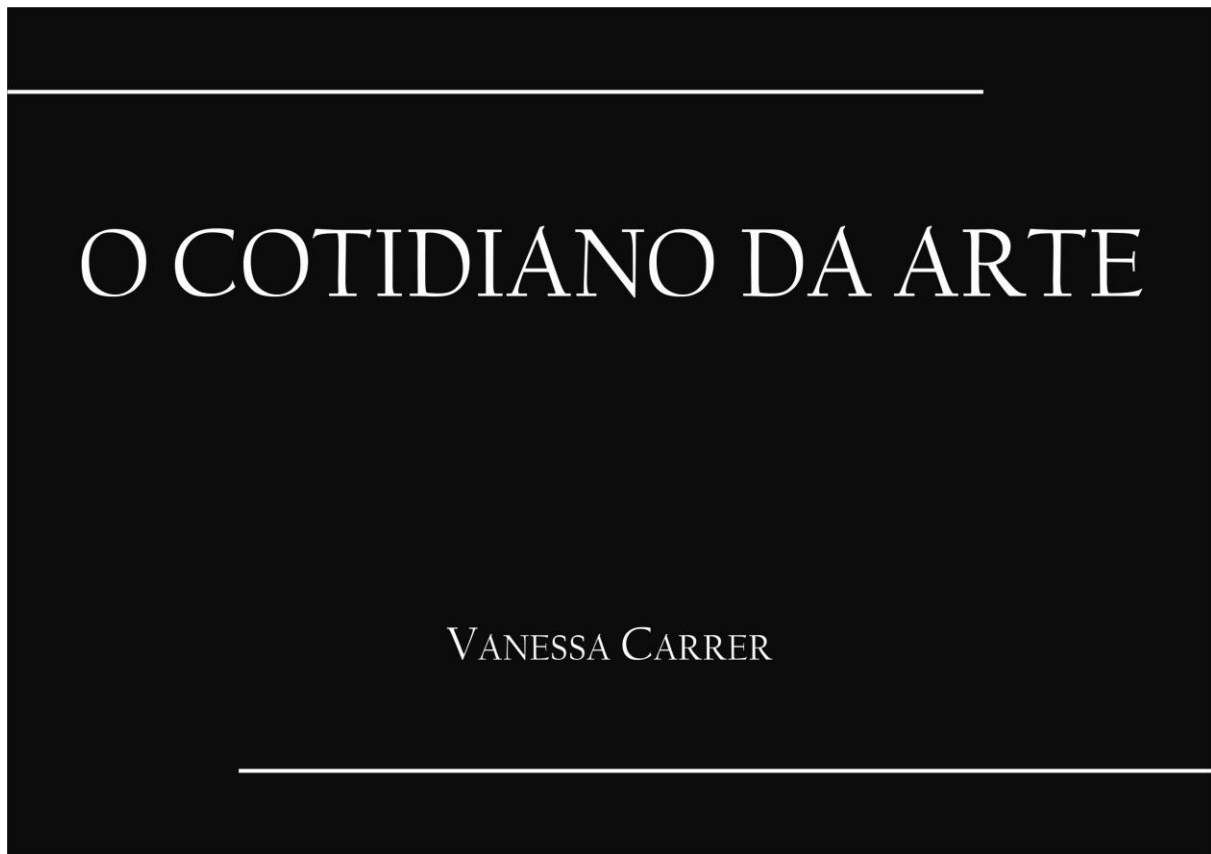


Figura 18 – O Cotidiano da Arte (capa)
Fonte: Vanessa Carrer

Para meu livro de artista organizei as fotos por ordem de data de recebimento, partindo da primeira fotografia, “A Boneca” (Nadja Alexandre), tendo como sequência “A Cama” (Edite Volpato), “A Janela” (Bárbara Savi), “A Lente” (Beatriz Teixeira), “O Sugar” (Adriana Bonifácio), “O Tênis”, “A Placa”, “A Poltrona” (Alenir Fernandes) “Os Vasos” (Andressa Borges) e por fim as fotografias “O Banco

de Ônibus” e “O Vaso Sanitário” (Gabriel Oliveira), totalizando assim onze imagens recebidas (Figura 19).



Figura 19 – O Cotidiano da Arte (página interna)
Fonte: Vanessa Carrer

Para uma melhor apreciação e entendimento por parte do grande público, acrescentei ainda sumário, introdução e agradecimentos, assim aquele que for “ler” poderá compreender melhor a minha produção artística (Figura 20).

Com o livro de artista praticamente definido, ainda não me sentia satisfeita, queria algo mais. Como desde o princípio o fator determinante da

produção foi sempre o envolvimento de participantes na minha proposta, nada mais apropriado do que finalizar promovendo a interação do público em geral.

Sumário			
Introdução	02	O Sugar	11
Prólogo	03	O Tênis	12
O Sofá	04	A Placa	13
O Guarda-roupa	05	A Poltrona	14
O Cotidiano da Arte	06	Os Vasos	15
A Boneca	07	O Banco de Ônibus	16
A Cama	08	O Vaso Sanitário	17
A Janela	09	Agradecimentos	18
A Lente	10		

Figura 20 – O Cotidiano da Arte (sumário)

Fonte: Vanessa Carrer

A partir destas reflexões optei para fazer conjunto com o livro, pequenos cartões medindo 12x9 cm cada, onde na frente deles mandei imprimir o “Cotidiano da Arte”, no verso acrescentei uma das minhas fotografias em preto e branco, devidamente identificadas (Figura 21). Esses pequenos cartões vão ser armazenados dentro de uma caixa, e os espectadores terão acesso a eles podendo levá-los consigo.



Frente



Verso

Figura 21 – Cartões
Fonte: Vanessa Carrer

Definida a obra passo a pensá-la no ambiente expositivo, que será realizada na Galeria Octávia Gaidzinski, nos anexos do Teatro Elias Angeloni, por ocasião de defesa do meu TCC. Para a exposição da obra/livro vou utilizar uma mesa de vidro sem ornamentos, com tamanho aproximado de 225x150 cm.



Figura 22 – Obra/livro – O Cotidiano da Arte, 2013
Fonte: Vanessa Carrer

Em anexo a obra/livro acompanhará um caixa de papelão nas cores preto e branco, com 12x12cm, onde ficaram expostos os cartões que os espectadores poderão levar.



Figura 23 – Cartões – O Cotidiano da Arte, 2013
Fonte: Vanessa Carrer

Nesse sentido, Cattani (2007, p. 22) afirma: “a produção artística contemporânea aceita as contaminações provocadas pelas coexistências de elementos diferentes e opostos entre si”. Para a autora, a arte é um campo de experimentações que mistura materiais e suportes, passado e presente, além de manualidade e tecnologia.

A partir das colocações da autora, é possível desenvolver uma produção artística que possa agregar linguagens, meios, materiais e suportes distintos.

7 METODOLOGIA

A pesquisa tem como intuito, resolver problemas, responder indagações até então pouco exploradas. Para Zamboni (2006, p.43) toda pesquisa pressupõe “uma busca sistemática de soluções com o fim de descobrir ou estabelecer fatos ou princípios relativos a qualquer área do conhecimento”.

O pesquisador/artista inicia seus estudos a partir de um conhecimento previamente adquirido, e dele surgem questionamentos que o levam ao desenvolvimento de seu projeto. Na pesquisa intitulada “Deslocando objetos: O estranho no cotidiano da arte” procuro chegar a conclusão da minha questão norteadora da pesquisa. Como objetos de design utilizados em espaços domésticos e descartados no contexto urbano podem ser ressignificados para a produção artística? Para isso, foram realizadas fotografias de objetos em locais não habituais e com elas crio uma obra/livro onde essas imagens foram apresentadas.

Esta pesquisa faz parte da linha de “Processos e Poéticas” do curso de Artes Visuais da UNESC. Tenta resolver um problema específico, tornando-se de natureza aplicada, pois “objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática dirigidos à solução de problemas específicos”. (LAKATOS; MARCONI, 2005).

Sua abordagem será qualitativa, pois trata-se de uma pesquisa entre a relação da arte e do design. Severino traz que,

A abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. (2007, p. 79).

Arte e design caminham juntos há muitos anos, mais precisamente desde a revolução industrial, onde intensificou-se a criação de produtos em larga escala. Para demonstrar essa relação de união, será realizado um levantamento de dados visando tornar a pesquisa mais clara, portanto uma pesquisa de campo e bibliográfica. Para Minayo (2004, p.53) “a pesquisa bibliográfica coloca frente a frente os desejos do pesquisador e os autores envolvidos em seu horizonte de interesse”.

Durante o processo de pesquisa, foi elaborada uma produção artística envolta nos temas arte contemporânea, design e fotografia, cujo título definiu-se “O Cotidiano da Arte”.

De acordo com a autora Rey (2002, p.125), “a pesquisa em artes visuais implica um trânsito ininterrupto entre prática e teoria. Os conceitos extraídos dos procedimentos práticos são investigados pelo viés da teoria e novamente testados em experimentações práticas [...]”.

Dessa forma, a pesquisa estendeu-se durante o primeiro semestre de 2013 (janeiro a junho). Nesse período foi realizada a pesquisa bibliográfica, escrita e produção artística.

8 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Durante os meses da pesquisa, muitas informações foram recolhidas com os participantes. Cada um que encaminhava sua fotografia contava junto da mesma uma pequena história que mostrava seu significado para o autor.

Os e-mails enviados no mês de abril obtiveram resposta quase que imediata, e junto delas a expectativa de desenvolver uma criação a altura aumentava.

A primeira fotografia que recebi, conforme já comentado acima, foi a da professora de Engenharia Ambiental da UNESC, Nadja Alexandre. A fotografia de uma boneca chegou para mim no dia 23 de abril. Sua autora encaminhou a imagem e me falou para retirar a autorização no Departamento de Engenharia Ambiental.

A segunda fotografia que recebi, foi do também professor de Engenharia Ambiental, Jader Pereira. Tratava-se de um disco de vinil as margens de um rio barrento. Jader não relatou em seu e-mail a história por trás da imagem, somente falou que o vinil era da banda de rock Pink Floyd. Apesar de ser uma fotografia que se enquadrava na proposta, não foi possível utilizá-la devido à baixa qualidade na impressão.

A próxima fotografia a fazer parte da pesquisa, foi a da professora do curso de Artes Visuais da UNESC, Edite Volpato. Quem encaminhou para meu e-mail foi a minha orientadora Odete, que foi também que me contou da onde essa fotografia surgiu. Em seu relato, contou-me que a fotografia foi feita durante um percurso de carro que ambas faziam, e que na beira da estrada encontrava-se a estrutura de ferro de uma cama. Ambas estacionaram o carro e fotografaram a cama, já pensando na sua utilidade para a minha proposta. Foi à fotografia que, mas se aproximou das que eu possuía antes da pesquisa (sofá e guarda-roupa).

Essas três imagens chegaram a mim no dia 23 de abril e no dia 25 chegaram mais três. A primeira delas foi da também acadêmica de Artes Visuais, Barbara Savi. Trata-se da imagem de uma janela antiga colocada em uma espécie de jardim. Imagem linda. Barbara havia capturado essa imagem para sua aula de fotografia, mas acabou utilizando outra bem parecida, na verdade era a mesma janela, só que junto dela encontrava-se um relógio.

Beatriz Teixeira, outra acadêmica de Artes Visuais da UNESC, me enviou a fotografia de uma lente de câmera fotográfica sobre uma sandália de dedos. Achei a imagem super curiosa e logo me encantei com a mesma.

A última imagem que recebi nesse dia, foi da minha colega de trabalho Adriana Bonifácio. Ela ficou interessada em minha pesquisa de tanto que eu comentava. A fotografia que ela me apresentou, é de um sugar, estando esse no terreno de sua casa, próximo ao quintal. Pelo que a Adriana me contou, o equipamento estava naquele local a mais ou menos seis meses, desde que ele havia estragado e sua mãe desistiu de consertá-lo.

No dia 30 de abril recebi a imagem da professora do curso de Artes Visuais UNESC, Angélica Neumaier. Nela vemos um teclado de computador com algumas teclas apagadas e essas substituídas por adesivos. A professora conta que esse teclado é de um dos computadores do xerox no bloco Z da UNESC. Apesar de ter gostado do que vi a fotografia não se enquadrava com o tema da pesquisa.

Alenir Fernandes me encaminhou suas fotografias também no dia 30 de abril. Alenir é artista e trabalha muito com fotografias, já participou de inúmeras exposições na cidade de Criciúma, incluindo no Espaço Cultural da UNESC. Ela me enviou quatro fotografias, das quais três foram selecionadas para o projeto. A primeira mostra um par de tênis pendurados em fios de rede elétrica na cidade de Sevilha, na Espanha, essa fotografia já foi mencionada anteriormente. A segunda fotografia trata-se de uma placa de aluga-se dentro de um bueiro de Criciúma. A terceira é de uma poltrona velha embaixo de uma árvore, também feita em Criciúma. A quarta e última mostra outro par de tênis em fios de rede elétrica, essa na cidade de Itajaí, em Santa Catarina. Mas por sua semelhança com a primeira fotografia, optei por utilizar somente a da Espanha.

No dia 10 de maio recebi mais fotografias de outra colega de trabalho e também acadêmica de Artes Visuais da ESUCRI, Renata Del Canale. São imagens de um sofá vermelho em meio a escombros do que um dia foi uma casa. Pelo que ela me contou o local exato onde ela fez a fotografia, é em frente ao supermercado Giassi do bairro Santa Barbara, em Criciúma. Em um dia de caminhada, ela viu a cena, lembrou de minha pesquisa e registrou. Essa é mais uma das fotografias que recebi e que não utilizei. Em minha análise, ela não se enquadrava no que eu havia solicitado.

No dia seguinte, recebi a fotografia de minha colega de curso e também graduanda, Andressa Borges. A fotografia mostra vasos de argila pendurados em um tronco de árvore em sua casa. Essa foi a penúltima pessoa a me enviar uma fotografia.

E para encerrar as imagens recebidas, no dia 24 de maio meu sobrinho Gabriel Oliveira encaminhou-me duas imagens feitas em sua casa. Na primeira vemos um vaso sanitário vermelho em meio a ramos de flores. Na segunda um banco de ônibus posicionado em frente a sua casa.

Com todas as imagens em mãos, fiz a seleção e defini os títulos de cada uma delas, já que nem todos os que foram sugeridos pelos autores se enquadravam dentro da proposta. Todas as imagens chegaram para mim coloridas, mas optei por apresentá-las em minha produção em preto e branco, pois assim adquirem caráter poético e dão ênfase aos objetos.

A fotografia de boneca na árvore ganhou o título de “A Boneca”. A da cama da professora Edite, ficou com o título de “A Cama”. A fotografia da janela chamou-se “A Janela”. A da acadêmica Beatriz ganhou o título de “A Lente”. A do sugar “O Sugar”. As fotografias da Alenir ficaram respectivamente, “O Tênis”, “A Placa” e “A Poltrona”. A imagem da Andressa recebeu o título de “Os Vasos”. E por fim as fotografias do Gabriel receberam os títulos de “O Banco de Ônibus” e “O Vaso Sanitário”.¹⁰

¹⁰ Apresentarei as imagens das obras no Anexo (p. 59 à 67).

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em face da diversidade de meios e materiais presentes em grande parte nas produções artísticas na contemporaneidade me deparei com a possibilidade de realizar uma pesquisa que pudesse abranger objetos, fotografia, arte contemporânea e design.

Assim, nesse percurso prático/reflexivo finalizo minha pesquisa “Deslocando objetos: o estranho no cotidiano da arte”, visto que, partiu de uma proposta encaminhada via e-mail aos meus contatos (participantes) para que eles me retornassem com imagens fotográficas de objetos encontrados no cotidiano, e que lhes causassem certo estranhamento.

A partir desta convocação participativa das pessoas, e com o retorno das imagens fotográficas pude ao longo da pesquisa responder meu problema ao ressignificar os objetos na minha produção da obra/livro intitulada “O Cotidiano da Arte”.

Retorno aqui ainda a leitura feita pelo olhar dos participantes para os objetos encontrados em seus cotidianos, sem estas pessoas, esta produção não seria possível, pois, de certa forma aqueles primeiros olhares e o envio das imagens, possibilitaram eles a abraçarem minha proposta artística.

Importante destacar o possível encontro para diálogos do artista Nino Cais e dos designers Irmãos Campana, assim consegui aproximar a arte e o design, onde pude englobar minhas vivências, emoções e criação.

Creio que consegui a partir da minha produção textual e prática, abrir a mente para o novo, unir a arte e o design mostrando que mesmo na diferença ambos possuem suas semelhanças. O resultado foi a obra/livro “O Cotidiano da Arte” juntamente aos cartões para distribuição junto ao público, que me fez resgatar conceitos, questionamentos, os quais me acompanharam ao longo da minha trajetória acadêmica.

Finalizo minha pesquisa com certeza do dever cumprido, encontrando nos autores contribuição para esta caminhada e artistas com quem pude partilhar as descobertas, os conceitos e experiências. Ao longo desse percurso da pesquisa fui me descobrindo como pesquisadora e como artista, espero que essa história não termine aqui, que consiga desenvolver novas pesquisas em arte em meio as minhas vivências e experiências.

REFERÊNCIAS

- BAUDRILLARD, Jean. **O sistema dos objetos**. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- BOURRIAUD, Nicolas. **Pós-produção**: como a arte reprograma o mundo contemporâneo. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- CARMEL-ARTHUR, Judith. **Bauhaus**. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.
- CARVALHO, Ana M. A de. **Instalação como problemática artística contemporânea**: os modos de espacialização e especificidade do sítio. 2005. 356 f. Tese (Doutorado em História Teoria e Crítica) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2005.
- CATTANI, Icleia Borsa. **Mestiçagens na arte contemporânea**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.
- CAUQUELIN, Anne. **Arte contemporânea**: uma introdução. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- COCCHIARALE, Fernando. **Quem tem medo da arte contemporânea?** Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Massangana, 2006.
- COLI, Jorge. **O que é arte**. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- COTIDIANO/ARTE. **Objeto anos 60/90**. São Paulo: Itaú Cultural, 1999. [sem/páginas].
- ECO, Umberto. **A definição da arte**. Rio de Janeiro: Elfos, 1995.
- GONÇALVES, Teresinha Maria. **Cidade e poética**: um estudo de psicologia ambiental sobre o ambiente urbano. Ijuí, RS: UNIJUÍ, 2007.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2005.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2004.
- MUNARI, Bruno. **A arte como ofício**. Lisboa: Presença, 1993.
- MUNARI, Bruno. **Artista e designer**. Lisboa: Presença, 1984.
- NEVES, Maryclea Carmona Maués. **Apropriações e deslocamentos do design no território da arte**: os Campana a partir de Duchamp. Disponível em: <http://www.faeb.com.br/livro/Comunicacoes/apropriacoes%20e%20deslocamentos%20do%20design.pdf>. Acesso em: 31 maio 2013.

PELED, Yiftah. **Ready made**: inclusão ruidosa. In: 16º. Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 2007, Florianópolis. Dinâmicas Epistemológicas em Artes Visuais. Florianópolis: Clicadata Multimídia Ltda, 2007.

REY, Sandra. Por uma abordagem metodológica da pesquisa em artes visuais. In: BRITES, Blanca; TESSLER, Elida (Orgs.). **O meio como ponto zero**: metodologia da pesquisa em artes plásticas. Porto Alegre: UFRGS, 2002. p. 123-40.

ROUILLÉ, André. **A fotografia**: entre documento e arte contemporânea. São Paulo: SENAC, 2009.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto inacabado**: processo de criação artística. São Paulo: Annablume, 2009.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVEIRA, Paulo. **A página violada**: da ternura à injúria na construção do livro de artista. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

ZAMBONI, Silvio. **A pesquisa em arte**: um paralelo entre arte e ciência. Campinas: Autores Associados, 2006.

REFERÊNCIA DIGITAL

CAIS, Nino. Disponível em: <<http://ninocais.tumblr.com/>> Acesso em: 31 maio 2013.

CAIS, Nino. Disponível em:
<<http://www.saraivaconteudo.com.br/Materias/Post/47168>> Acesso em: 31 maio 2013.

CAIS, Nino. Disponível em:
<<http://societadedospoetasamigos.blogspot.com.br/2012/05/nino-cais-artista-lastico-brasileiro.html>> Acesso em: 31 maio 2013.

CAMPANA, Irmãos. Disponível em:
<http://www.istoe.com.br/reportagens/183872_TUDO+SOBRE+O+ATO+DE+SENTAR> Acesso em: 31 maio 2013.

CAMPANA, Irmãos. Disponível em: <<http://campanas.com.br/>> Acesso em: 31 maio 2013.

APÊNDICE(S)

APÊNDICE A – Arquivos enviados por e-mail.

CARTA DE APRESENTAÇÃO DO PROJETO DE GRADUAÇÃO

Eu, **Vanessa Carrer**, venho convidá-lo a participar de meu projeto de graduação (TCC) intitulado **Deslocando objetos: o estranho no cotidiano da arte**, no qual trata do objeto de design como arte contemporânea. No final desta pesquisa pretendo organizar uma exposição com produção artística realizada com a tua participação e colaboração.

Para este fim, gostaria que me enviasse uma fotografia de um objeto de design estando este em um espaço não comum (não convencional conforme imagem exemplificando em anexo). Esta fotografia deve ser de caráter inédito.

Lembro ainda que todas as imagens serão devidamente identificadas com o nome do participante, bem como, a sugestão do título para a imagem.

A imagem precisa ser encaminhada para meu e-mail vanessa-carrer@hotmail.com até o dia 24 de maio de 2013, e junto dela a autorização de uso do material devidamente preenchido e assinado.

Contanto com a colaboração, desde já agradeço.

Vanessa Carrer.

Criciúma, 22 de abril de 2013.

AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, _____
portador do RG _____ (número da identidade), estou ciente dos objetivos da pesquisa da acadêmica **Vanessa Carrer**, sob orientação da **Prof.^a Ma. Odete Angelina Calderan**, autorizo a mesma a fazer uso das imagens enviadas referente ao material que será publicado e exposto como resultado da pesquisa. Lembro ainda que a pesquisa faz parte do trabalho de Conclusão de Curso para obtenção do título de Bacharel em Artes Visuais pela Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC.

Título da fotografia

Assinatura do participante

(Local) _____, ____ de _____ de 2013

ANEXO(S)

ANEXO A – Obras de exposições anteriores.

Fotografias realizadas para a exposição “*E nós quem somos?*” da disciplina de Arte e Agenciamento Cultural organizada pela professora Lenita, ocorrida de junho de 2012.

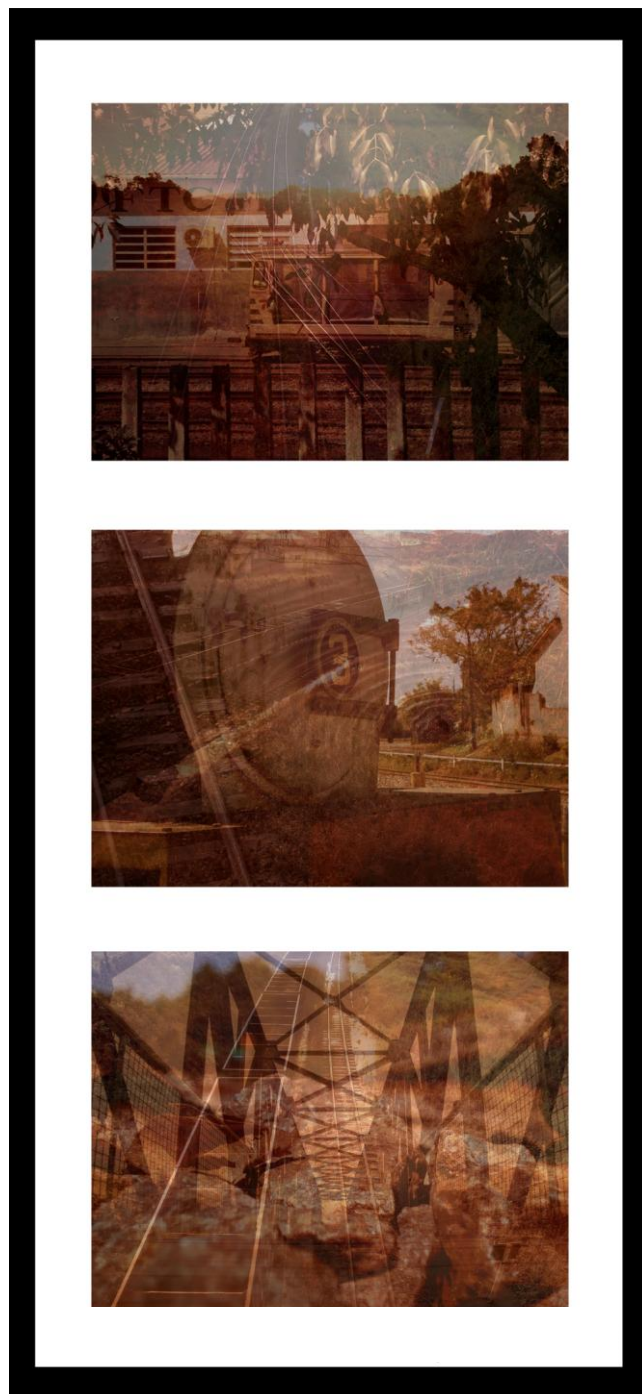


Figura 24 – Dias de Glória, 2012
Fonte: Vanessa Carrer

Fotografia realizada para a exposição “*Fragmentos revelados*” da disciplina de Fotografia organizada pela professora Cristina ocorrida de julho de 2012.



Figura 25 – Infinito, 2012
Fonte: Vanessa Carrer

ANEXO B – Fotografias recebidas sobre o projeto.



Figura 26 – A Cama, 2013
Fonte: Edite Volpato



Figura 27 – A Janela, 2012
Fonte: Bárbara Savi



Figura 28 – A Lente, 2013
Fonte: Beatriz Teixeira



Figura 29 – O Sugar, 2013
Fonte: Adriana Bonifácio



Figura 30 – A Placa, 2011
Fonte: Alenir Fernandes



Figura 31 – A Poltrona, 2011
Fonte: Alenir Fernandes



Figura 32 – Os Vasos, 2013
Fonte: Andressa Borges



Figura 33 – O Banco de Ônibus, 2013
Fonte: Gabriel Oliveira



Figura 34 – O Vaso Sanitário, 2013
Fonte: Gabriel Oliveira